

# ***Espiritualidade e Sociabilidade do Idoso: A Teoria da Gerotranscendência***

MSAG

Prove 2007.1

## **1. Introdução**

O aumento da proporção de idosos nas populações ocidentais, resultante de diversos fatores, tais como a atual relação entre os índices de fecundidade e de mortalidade; os avanços da medicina, que proporcionaram novas possibilidades de prolongamento da vida, por meio de tratamentos e medicamentos; as modernas técnicas de produção e manipulação de alimentos e prescrições nutricionais e; as novas tecnologias de informação e comunicação, que permitem uma grande difusão de conhecimentos, técnicas, consumo e culturas.

Entre as conseqüências dessa "transição demográfica"<sup>1</sup>, destaca-se principalmente o desequilíbrio econômico gerado pela diminuição de mão de obra e, conseqüentemente, da produtividade, e o aumento dos gastos com a população inativa (Lima, 1998). O reflexo do aumento da população idosa nas economias é um dos principais fatores responsáveis pela visibilidade desse grupo social, de suas necessidades e particularidades. Assim, o envelhecimento humano tem sido, cada vez mais, um destacado objeto de estudos nos meios acadêmicos e, como conseqüência, surgem as pesquisas e as teorias sobre o tema.

Capitanini (2000) acredita que o envelhecimento não precisa necessariamente ser acompanhado de perdas, nem de doenças ou afastamento social e, afirma que a ocorrência da solidão na velhice é igual a que ocorre em qualquer outra fase da vida, que o afastamento das relações sociais não é um processo natural da velhice, mas uma opção individual e sugere, por exemplo, que para o bem-estar na velhice, o idoso deve buscar conhecer pessoas novas, fazer outras amizades, envolver-se em atividades sociais para sentir-se útil.

---

<sup>1</sup> Processo gradual provocado pela relação entre os índices de fecundidade e mortalidade.

Por outro lado, Carstensen (1995), que propõe a teoria da seletividade socioemocional, acredita que o significado das relações sociais é diferente para os velhos. Por isso eles preferem privilegiar a qualidade das relações em favor da quantidade e variedade. Para o idoso os benefícios emocionais e afetivos é que estão no foco de suas relações, ao contrário dos jovens, que utilizam as relações sociais, principalmente, em busca de informações.

Combaz (1990) reflete sobre a pressão exercida pelas sociedades ocidentais para que os velhos não se comportem como velhos. Segundo ele, os valores destas sociedades levam os idosos a uma busca constante da juventude, através da prática de esportes, dos bailes de terceira idade, das plásticas, dos cosmeticos, enfim de intensas atividades físicas e sociais.

A construção de valores sociais é, nas sociedades ocidentais, fortemente influenciada pela cultura do consumo. As imagens dos diferentes grupos são construídas e difundidas pelas mídias de acordo com suas capacidades de consumo. Assim, a imagem dos idosos na mídia vem se modificando na medida em que eles vêm sendo considerados como uma importante fatia do mercado de consumo<sup>2</sup>.

O estabelecimento dessa “*nova imagem*” do idoso consumidor tem o poder de modificar os comportamentos e o entendimento do processo de envelhecimento. De acordo com essa “*imagem da velhice*”, o “*bom envelhecimento*” seria aquele no qual o indivíduo se mantém ativo, cuida da aparência e da saúde, portanto, ele só seria possível enquanto o indivíduo consegue se manter *jovem*. Ou seja, o *bom envelhecimento* é de certa forma, uma negação da velhice.

A visão de Capitanini (2000), citada anteriormente, mostra como essa imagem do idoso, construída a partir do potencial de sua capacidade de consumo, participa também de discursos academicos, que muitas vezes, podem se fundamentar exclusivamente na crença de que a velhice é uma construção social, desconsiderando o fato dela ser, também, um processo biológico. Capitanini (2000), ao afirmar, por exemplo, que a ocorrência da solidão é igual em qualquer etapa da vida, parece não considerar as especificidades biopsicossociais de cada fase e dá a entender que

---

<sup>2</sup> Debert, G. O idoso na Mídia. *Comciencia: Revista Eletrônica de Jornalismo Científico*. Setembro/2002. (<http://www.comciencia.br/reportagens/envelhecimento/env12.htm>).

envelhecer é uma opção individual, quando sugere que o bem estar na velhice está condicionado a busca de novas amizades e a atividade social para sentir-se útil.

Esse artigo parte do pressuposto de que a velhice é única e de que o conceito de “boa velhice” é tão subjetivo quanto o conceito de felicidade e, portanto, é relativo ao modo de envelhecer de cada ser humano. Por não ser possível afirmar que uma pessoa com saúde debilitada vive de maneira melhor ou pior do que uma pessoa perfeitamente saudável ou que um indivíduo com poucas relações sociais seria mais ou menos feliz se desenvolvesse novas relações, não podemos estabelecer genericamente o que seria um bom envelhecimento.

Monteiro (2006), partindo do pensamento de Jung, destaca a importância do estudo da dimensão espiritual do homem, em especial, na fase da velhice. Segundo a autora, “no envelhecimento, nas horas de crise, nas doenças, o enfrentamento baseado na dimensão espiritual tem sido realmente comprovado como de importância e significado vitais” (Monteiro, 2006:156).

Corroborando com as considerações de Monteiro (2006), este artigo apresenta a Teoria da Gerotranscendência, que vem sendo elaborada desde o início da década de 1990, pelo sociólogo sueco Lars Tornstan e seus colaboradores. A reflexão que se propõe é fundamentada pelos aspectos sociais dessa teoria, observados no estudo de caso realizado por Tova Gamliel em uma instituição para idosos em Tel-Aviv, Israel.

## **2. A Teoria da Gerotranscendência**

A teoria da gerotranscendência tem sido testada, debatida e criticada por pesquisadores de diferentes países e formações acadêmicas diversificadas.

Elaborada pelo pesquisador sueco Lars Tornstan, professor do departamento de sociologia da Universidade de Uppsala. A gerotranscendência consiste em um conceito psicológico que explica processos de envelhecimento. *“Na inovação criativa de Tornstan, a gerotranscendência representa um estado da mente especial, uma mudança na meta-perspectiva de uma visão materialista e pragmática do mundo para uma visão mais cósmica e transcendente”* (Gamliel, 2001: 105). Para Tornstan, a cultura e os

gerontologistas sociais têm um efeito obstrutivo na gerotranscendencia porque a cultura e seus observadores são guiados pelas mesmas suposições básicas e irrelevantes sobre os idosos e seu esperado desengajamento.

Segundo a teoria do desengajamento, que tem uma abordagem social e surgiu no início da década de 1960<sup>3</sup>, o desengajamento ou afastamento dos idosos é inevitável e desejado por eles e pela sociedade. Os velhos são concebidos como agentes passivos no sistema social. O isolamento do idoso é entendido como uma necessidade para a sociedade e para o próprio idoso, como uma preparação para a morte.

A teoria da gerotranscendência é uma reformulação da teoria do desengajamento. Na gerotranscendencia há também um tipo de desengajamento (Tornstan se baseia em teóricos clássicos como Erik Erikson e Gustav Jung e também na descrição fenomenológica do desing do desengajamento de Guttman<sup>4</sup>), entretanto, esse afastamento do idoso não é interpretado como uma necessidade social mas como um processo natural de introspecção gerado pelas transformações psico-espirituais do envelhecimento, tais como: mudança de pontos de vista, deslocamento de ênfases e redefinições dos significados das relações sociais; comunhão cósmica com espírito universal; mudanças na percepção de tempo – percepção de velocidade do tempo, de passado, presente e futuro – o passado pode ser revivido de uma forma nunca experimentada; mudança na percepção dos objetos – eliminação da barreira entre o eu e os outros – a pessoa torna-se menos centrada em si mesma – sentimento de ser parte de uma energia cósmica; redefinição da percepção da vida e da morte – não da vida individual, mas do fluxo total da vida – como consequência dessas mudanças é compreensível que haja uma diminuição do medo da morte; um novo tipo de inocência é adicionado ao julgamento e a racionalidade do adulto – a pessoa tem mais facilidade para admitir que não sabe alguma coisa, sem constrangimentos; surgem a necessidade e a busca por uma solidão positiva – há queda do interesse por relações sociais superfluas e pelos bens materiais.

---

<sup>3</sup> [Cumming, E. M., & Henry, W. E. (1961). *Growing Old – The Process of Disengagement*. New York: Basic Books]

<sup>4</sup> [Guttman, D. (1976). Alternatives to Disengagement: The Old Men of The Highland Druze. In: J. F. Gubrium (Ed.), *Time, Roles and Self in Old Age*. New York: Human Sciences Press]

A descrição do processo de gerotranscedência é baseada em entrevistas com cinquenta indivíduos suecos com idades entre 52 e 79 anos (Gamliel, 2001). Tornstan considera a teoria da gerotranscedência ainda em fase de desenvolvimento e, por essa razão, não deve ser considerada como uma teoria final e completa. Alguns pesquisadores têm colaborado com pesquisas e críticas a respeito de sua validade <sup>5</sup>.

### **3. Sociabilidade e Gerotranscedência**

Gerotranscedência tem sido estudada sob diferentes enfoques nos campos na psicologia e das ciencias socais.

Tova Gamliel (2001), pesquisador do departamento de sociologia e antropologia da Universidade de Tel- Aviv, investigou o fenômeno da gerotranscedência, durante o período de 13 meses, entre 1998 e 1999, em uma instituição para idosos em Israel. Os indivíduos observados tinham em média 85 anos, a maioria pertencia a classe média baixa e não se considerava religiosa. Dois terços dos indivíduos foram considerados independentes, ou seja, capazes de comandar as funções básicas. Gamliel descreve o contexto institucional como um mundo fechado, separado do “mundo lá fora”, no qual as construções sociais são intensificadas e os indivíduos são como prisioneiros voluntários condenados a uma morte natural. O contexto institucional estudado se caracteriza também pela privação da individualidade, da privacidade e da intimidade. Os indivíduos são como parceiros no fardo e convivem constantemente com a eminência da morte.

O pesquisador destaca a importância da presença do “outro” para os indivíduos institucionalizados. O outro funciona como um espelho do *self*, o fato de não existir relações de amizade entre esses idosos torna desnecessário o desengajamento, a perda de um “outro” e compensada pela presença de outro “outro” e, embora o pesquisador não tenha identificado relações de amizade, ele observou que esse grupo

---

<sup>5</sup> Lewin, F. A. (2001); Thorsen, K. (1998); Jönson, H. & Magnusson, J. A. (2001); Gamliel, Tova. (2001).

alimentava uma relação de ajuda, de colaboração uns com os outros. A companhia do outro era tudo que esses sujeitos possuíam. Gamliel destaca, em seu artigo, que o paralelo entre os rituais dos idosos institucionalizados e a teoria da gerotranscendência, embora seja parcial, é composto por elementos essenciais, como a propensão à meditação, por exemplo. O pesquisador descreve um ritual que ele observava todas as tardes, momentos antes do jantar, quando os idosos se sentavam em frente das portas do refeitório, formando duas filas paralelas com as cadeiras, cada um que chegava se juntava ao grupo, colocando sua cadeira em uma das fileiras: eram aproximadamente cinquenta homens e mulheres que, olhando-se uns aos outros e, *“sentados juntos, silenciosamente, eles transcendiam as barreiras do passado e do futuro para viver um “presente sagrado”, ignorando os sons e os movimentos ao redor, eles transcendiam o espaço; eles pareciam desengajados do contexto institucional vendo a si mesmos e aos outros como uma unidade. A presença do outro representava o universo e seria como uma fonte de meditação coletiva”* (Gamliel, 2001:113).

Segundo Gamliel, os momentos de meditação espontânea indicam uma diminuição no egocentrismo e que o silêncio transcende as barreiras da língua e gera novas introspecções. Viver com a presença constante da morte pode despertar nos indivíduos uma sensibilidade espiritual que faz com que a mesquinha e as tendências egoístas desaparecem e sejam substituídas pelo amor e pela afeição (Ring, 1980).

#### **4. Considerações Finais**

A teoria da gerotranscendência aponta para a importância de se considerar as particularidades do processo de envelhecimento, em contextos específicos e, de se assumir a velhice como uma fase propensa ao alcance de uma “sabedoria espiritual”, ainda que inserida em culturas ocidentais contemporâneas, dominadas pelo individualismo e pela cultura do consumo. Para uma compreensão do processo de envelhecimento é necessário considerar suas diferentes dimensões: biológicas, econômicas, psicológicas, sociais, espirituais, assim como características individuais do idoso e sua história de vida.

Tornstan aponta, por exemplo, para o perigo do diagnóstico de depressão em idosos que se negam a participar de atividades sociais intensas, como bailes, teatro ou jogos. Segundo ele, esse isolamento não é necessariamente negativo. É preciso que os profissionais e familiares estejam atentos para respeitar o desenvolvimento individual do velho, seu ritmo, seus interesses e desejos, entendendo que, nem sempre, a superatividade, a vaidade e o consumo significam um envelhecimento saudável.

A teoria da gerotranscendência, ainda que incompleta e muito criticada, representa uma importante força contrária ao movimento de negação da velhice, gerado pela cultura do consumo e difundida pelas mídias. A possibilidade da transcendência na velhice deve ser considerada pelos pesquisadores e profissionais que atuam no campo do envelhecimento como um ponto de equilíbrio para a construção de conhecimentos científicos, para a elaboração de estratégias de atendimento e assistência a idosos e suas famílias, assim como, para a ações educativas em todos os setores da sociedade.

## **5. Bibliografia**

Capitanini, M. E. Solidão na velhice: realidade ou mito? In: Neri, A. L. & Freire, S. A. (orgs). *E por falar em boa velhice*. Campinas: Papyrus, 2000.

Carstensen, L. L. Motivação para o contato social ao longo do curso de vida: uma teoria de seletividade socioemocional. In: Neri, A. L. (org) *Psicologia do envelhecimento*. Campinas: Papyrus, 1995.

Combaz, C. *O elogio da idade*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1990.

Cumming, E. M., & Henry, W. E. (1961). *Growing Old – The Process of Disengagement*. New York: Basic Books.

Gamliel, Tova. (2001) A Social Version of Gerotranscendence: Case Study. *Journal of Aging and Identity*, Vol. 6. Nº 2, p. 105-114.

Guttman, D. (1976). Alternatives to Disengagement: The Old Men of The Highland Druze. In: J. F. Gubrium (Ed.), *Time, Roles and Self in Old Age*. New York: Human Sciences Press.

Jönson, H. & Magnusson, J. A. (2001). A new age of old age? Gerotranscendence and the re-enchantment of aging. in: *Journal of Aging Studies*, 15, 317-331.

Lewin, F. A. (2001) Gerotranscendence and Different Cultural Settings. *Aging and Society*, 21: 395-415.

Monteiro, D. M. Espiritualidade e Envelhecimento. In: Py, L. et al. *Tempo de Envelhecer: percursos e dimensões Psicossociais – 2ª ed*. Holambra, SP: Ed. Setembro, 2006.

Ring, O. (1980) *Life and Death: A Scientific Investigation of the Near Death Experience*.  
New York: Coward, McCann and Geohegan.

Tornstan, L. (1989) Gero-Transcendence: a reformulation of disengagement theory.  
*Aging: Clinical and Experimental Ressearch*, 1 (1), 55-63.

\_\_\_\_\_ (1997) Gerotranscendence: The Contemplative Dimension of Aging.  
*Journal of Aging Studies*, 11 (2), 143-154.

Thorsen, K. (1998) The Paradoxes of Gerotranscendence: The Theory of  
Gerotranscendence in a Cultural Gerontological and Post-Modernist Perspective.  
*Norwegian Journal of Epidemiology*, 8 (2): 165-176.

### **Referências na Web**

Debert, G. O idoso na Mídia. *Comciencia: Revista Eletrônica de Jornalismo Científico*.  
Setembro/2002.  
(<http://www.comciencia.br/reportagens/envelhecimento/env12.htm>).